

F. Scholtes-97898

Alexandre Karsburg
Maíra Ines Vendrame
Deivy Carneiro
Organizadores

Práticas de micro-história:

DIVERSIDADE DE TEMAS E OBJETOS
DE UM MÉTODO HISTORIOGRÁFICO

**Práticas de micro-história:
diversidade de temas e
objetos de um método
historiográfico**

Alexandre Karsburg
Maíra Ines Vendrame
Deivy Carneiro
(Orgs.)

Práticas de micro-história: diversidade de temas e objetos de um método historiográfico

E-BOOK



2022

© Editora Oikos Ltda. – 2022
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

Revisão: Dos autores de cada artigo

Imagem da capa: Quadro (sem título) de F. Scholles, 75 x 120cm, 1986.
<<https://www.fscholles.net/>>. Publicado em: Reinheimer, Dalva et al.
Quadros que falam: narrativas migratórias. São Leopoldo: Oikos,
2021. p. 237.

Arte-final: Jair de O. Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
João Biehl (Princeton University)
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)
Marluza M. Harres (Unisinos)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

P912 Práticas de micro-história: diversidade de temas e objetos de um método historiográfico. [E-book] / Organizadores: Alexandre Karsburg, Máira Ines Vendrame e Deivy Carneiro. – São Leopoldo: Oikos, 2022.
1193 p.; il.; 21 x 29,7cm.
ISBN 978-65-5974-040-6
1. História. 2. Historiografia. 3. Migrações. 4. História da família – Brasil. 5. História social. I. Karsburg, Alexandre. II. Vendrame, Máira Ines. III. Carneiro, Deivy.

CDU 94

Catálogo na publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

A(s) rede(s) do enclave galego de Lisboa. O caso de Ramiro Vidal Carrera (1900-1930)

Carlos Pazos-Justo¹

Gabriel André²

O fenómeno migratório galego com destino em Lisboa tem origens temporais longínquas ainda não totalmente esclarecidas. Durante séculos, como recolheu amplamente a literatura portuguesa, se caracterizou por nutrir-se de indivíduos de baixa condição social, trabalhadores pouco qualificados no espaço lisboeta (moços de fretes, aguadeiros, etc.), o qual propiciou, como noutras latitudes, o surgimento de uma imagem pejorativa presente, por exemplo, nas seguintes linhas (ANDRADE, 1903, p. 130-131):

Para o gallego não ha diferenças de cathegoria no trabalho, comtanto que lhe paguem. É esse o seu unico ponto de vista, e n'isso consiste a sua philosophia pratica. Geralmente os gallegos de exportação são isto pouco mais ou menos. Não querem mesmo ser outra cousa, porque o seu fim unico é juntar dinheiro [...] A avareza é a principal qualidade que o distingue

Como se pode apreciar na citação, uma das características destacadas, na visão lisboeta/portuguesa dos galegos, é a *ganância* dos migrantes galicianos; este discurso de representação deu lugar, note-se, a um relativamente extenso número de ditados populares em Portugal do tipo “Guarda-te de cão preso e de moço galego”, “Trabalhar como um galego” ou “Cinquenta galegos não fazem um homem”³.

A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, a colónia galega começa a experimentar notórias alterações marcadas por uma crescente complexificação e diversificação dos seus membros, surgindo assim, por exemplo, uma incipiente elite com outros objetivos laborais mais também sociais e culturais. Assim sendo, em finais do século XIX, tomam formam as primeiras iniciativas no sentido de dotar a comunidade de organizações próprias (publicações próprias e associações, principalmente). É neste quadro que pretendemos realizar uma primeira aproximação à trajetória de Ramiro Vidal Carrera (1887-1967) identificando as redes e iniciativas às que se associa no espaço da imigração (Lisboa) e da emigração (sul da Galiza). Na

¹ Grupo Galabra-UMinho do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

² Consellería de Cultura, Educación e Universidade da Xunta de Galicia.

³ Para a imagem da Galiza e os galegos em Portugal *vid.* PAZOS-JUSTO, 2016.

exposição serão problematizados os discursos, ideias e práticas de uma parte simbolicamente significativa da comunidade galega de Lisboa nas primeiras décadas do século XX a partir da trajetória social, política e cultural de Ramiro Vidal Carrera.

Oriundo do Concelho das Neves, sul da Galiza, Vidal Carrera nasce (a 17 de janeiro de 1887) no seio de uma família de limitados recursos materiais marcada pelo fenómeno migratório, pois o seu pai, Rafael Vidal Miguez, tinha emigrado para Lisboa na segunda metade do século XIX, onde, segundo Miguel Regojo⁴, terá estado trinta anos empregado na Empresa Insular de Navegação. Esta prática, a da migração masculina com destino em Lisboa (no Porto ou noutros destinos) que deixa a família na terra das origens era relativamente frequente na altura (GONZÁLEZ, 2006)⁵. Neste quadro, com 13 anos de idade, Ramiro Vidal Carrera terá seguido os passos do pai, instalando-se em Lisboa, em inícios de século, para trabalhar, nos primeiros tempos, no setor da restauração. Este setor está muito vinculado, na época, à colónia galega; são vários os empreendimentos comerciais deste tipo que foram (alguns ainda hoje em dia) propriedade de galegos emigrantes: Café Suíço, Café Martinho, o restaurante Irmãos Unidos da família Guisado, Hotel Francfort, restaurante Estrela d'Ouro ou restaurante Gambrinus (GONZÁLEZ, 2013). Aos inícios como empregado por conta de outrem, vão seguir-se diversas iniciativas empresariais o que fez com que, passados vários anos, Ramiro Vidal Carrera chega a se converter num próspero empresário tanto em Lisboa como nas terras de origem.

Paralelamente à sua consolidação como emergente empresário, a trajetória de Ramiro Vidal Carrera é também exemplo modelar do envolvimento de uma certa elite da colónia galega de Lisboa em movimentos sociais e/ou políticos, em princípio, alheios às lógicas seculares da comunidade galega de Lisboa. É exemplo, portanto, do funcionamento efetivo de diversas redes com objetivos e interesses igualmente diversos.

Neste sentido, convém referir que, enquanto comunidade originária de um espaço da emigração, a residir num espaço de imigração, o enclave galego de Lisboa esteve submetido a partir das últimas décadas do século XIX a diversas forças de signo

⁴ Agradecemos aqui a Miguel Regojo, bisneto de Ramiro Vidal Carrera e custódio do seu espólio, todos os materiais e informações disponibilizadas que, direta ou indiretamente, estão presentes nas páginas seguintes.

⁵ Para a uma revisão da literatura acerca da emigração galega com destino a Portugal veja-se FERNÁNDEZ CORTIZO, 2020. Outros trabalhos específicos são: HERNÁNDEZ, 1995; GARCÍA, 1996; PENA, 1999; LÓPEZ, 2005; GONZÁLEZ, 1999, 2006 e 2013; ou FERNÁNDEZ CORTIZO, 2007; em Portugal: CASTRO GIL, 1999; ALVES, 2002; DANTAS, 2010; ou OLIVEIRA, 2015. Anotamos também aqui trabalhos de um dos autores que assinam este estudo e que constituem, em parte, o alicerce contextual das páginas que se seguem, PAZOS, 2011, 2015 e 2021.

político, social ou cultural, em ocasiões, antagónicos. Ademais, como aconteceu e acontece com outros grupos migrantes, a trajetória da colónia galega de Lisboa foi, em termos gerais, condicionada pela trajetória dos dois espaços referidos, o das origens e o do destino. Para o caso, revela-se especialmente significativo o facto de Portugal virar nos finais da primeira década do século XX para um regime republicano, face a, cabe assinalar, o regime monárquico do estado vizinho em que se situavam as terras de origem dos galegos de Lisboa, também de Ramiro Vidal Carrera. Por outro lado, e em termos culturais, entendemos que uma parte muito significativa da colónia galega a residir em Lisboa, face às possibilidades que teria de relacionar a sua “cultura pré-migratória” com o novo espaço social (*assimilação, separação, integração e marginalização*; CORBACHO, 2009, p. 41)⁶, opta estrategicamente pela integração e, presumivelmente, pela separação. Ramiro Vidal Carrera intervém no espaço social português, como outros membros da comunidade, inequivocamente em termos de *integração*, mantendo e praticando deste modo, uma série de lealdades com a metrópole, ao tempo que mantém uma intensa atividade comercial e social no espaço da imigração.

Com os dados a nosso alcance, resulta muito difícil estabelecer correspondências entre grupos da comunidade galega e opções políticas ou organizações partidárias. Em todo o caso, muito provavelmente, será possível associar os galegos, em geral e durante o século XIX, com posições mais conservadoras ou antiliberais na Lisboa da altura. Face a esta orientação, há evidências notáveis na colónia da penetração do republicano-agrарismo defendido, por exemplo, por *El Tea* (1908-1936), subtítulado segundo a época “Semanao Político Independiente. Defensor de los intereses del distrito de Puenteareas” ou “Decenario Defensor de los Intereses Agrarios”, em que irá participar ativamente Ramiro Vidal Carrera. *El Tea*, empresa jornalística explicitamente republicana e agrarista⁷, foi financiada também por membros da colónia galega de

⁶ Corbacho Quintela, citando o psicólogo John W. Berry, refere (CORBACHO, 2009, p. 41).

Berry indica que, nos casos em que os grupos não-dominantes têm liberdade para escolher a sua forma de engajamento nas relações interculturais, há quatro possibilidades de estratégia. A primeira estratégia deles é a assimilação, a qual se dá quando os indivíduos não desejam manter a sua identidade cultural e procuram interagir com outras culturas. A segunda é a separação, conseqüência da valorização da própria cultura e da decisão de conservá-la, evitando-se a interação com outros grupos. A terceira estratégia é a integração, consistente na vontade de manter a distinção cultural do grupo enquanto ele interage diariamente com a sociedade majoritária e se acomoda a ela. A última é a marginalização, a qual surge quando há poucas possibilidades, e interesse, na manutenção cultural e, paralelamente, escassos relacionamentos com outros grupos, geralmente por razões de exclusão ou discriminação

⁷ Uma definição possível do agrarismo é, seguindo o historiador Miguel Cabo (CABO, 1998, p. 11).

Lisboa (HERVÉS, 1997). Os próprios galegos fundam em Lisboa organizações cujo fim é apoiar em várias dimensões este movimento metropolitano (é o caso, por exemplo, da “Unión Agraria del Partido Judicial de Pontareas en Lisboa”, de 1915). Significativamente, *El Tea* dará visibilidade a uma comissão de galegos de Lisboa a favor do novo regime republicano português e contra a proteção outorgada a grupos monárquicos insurgentes na Galiza (*El Tea*, 15/07/1911).

Dentro das margens do enclave galego de Lisboa, caberia assinalar ainda mais duas linhas de força ideológicas. A primeira, vinculada ao crescente grupo de assalariados de origem galega que participam em diferentes iniciativas do incipiente movimento sindical português, até o ponto de, com acentuado protagonismo, participarem numa das primeiras greves portuguesas, a dos padeiros de 1894 que teve como resultado a expulsão de 285 padeiros de origem galega (Fernández, 2018). A segunda, também poliédrica, vinculada ao galeguismo⁸ metropolitano e com maior expressão a partir de 1916.

Neste quadro, temos notícia das várias e intensas colaborações jornalísticas do autor em foco a partir de finais da primeira década do século XX. Em *La Lucha. Semanario federal* (publicação ideologicamente de esquerdas, de Vigo, 1898-1917), publicou crónicas de tom político do acontecer lisboeta. Também no *Noticario de Vigo*, em que chegou a ser o correspondente em Lisboa. A partir de 1908 vai ser igualmente, e durante mais de uma década, um assíduo colaborador do antes citado *El Tea*. Ramiro Vidal Carrera, humilde e muito jovem migrante em inícios do século XX, desenvolve uma intensa atividade jornalística, como vemos, com importantes vínculos a círculos republicanos.

Antes de finalizar a primeira década do século passado, participa ativamente numa das iniciativas com maior percorrido da colónia galega de Lisboa: a fundação em 1908 de Juventud de Galicia, a que será a mais longeva associação (ainda em

complexo movemento que tenta mobilizar un grupo social, como era o campesiñado, que ata aquela non atopara unha expresión propia dos seus intereses, con vistas á consecución dun amplo abano de metas que principalmente poden se resumir en dúas aspiracións: a obtención das condicións que fagan factíbel a sobrevivencia da pequena explotación familiar no marco dunha economía capitalista cada vez mais invasiva, e a articulación política dos intereses do campesiñado parcelario galego, ata polo en pé de igualdade cos doutros complexos agrarios existentes no Estado español e cos doutros grupos sociais.

⁸ Por galeguismo entende-se aqui (SAMARTIM, 2005, p. 10): movemento de reivindicación da identidade diferenciada da Galiza com independência do grau de autonomia política proposto para a colectividade galega polos vários grupos ou agentes autoproclamados galeguistas, assi como o processo de fabricaçom de ideias que apoiam e justificam os vários graus desta reivindicaçom.

funcionamento) da colónia galaica na capital portuguesa⁹. Como se pode apreciar na ilustração 1, Vidal Carrera recebe o primeiro cartão de sócio da entidade; faz parte da direção da associação e está envolvido nas atividades recreativas que promovem (vid. ilustração 2).



Ilustração 1. Cartão de sócio de Ramiro Vidal Carrera

Fonte: arquivo de Miguel Regojo

⁹ Rodrigues Vaz (2008, pp. 16-17) relaciona a fundação de Juventud de Galicia ao movimento associativo da colónia galega: O aparecimento da X[uventude] G[aliza] insere-se obrigatoriamente nas lutas pela dignidade do trabalho que naquela época se digladiariam na capital portuguesa, como reconhece Don Ramiro [Vidal Carrera]. Dadas as péssimas condições em que os empregados de café viviam na época em Lisboa [...] para pôr cobro a tal situação foi constituído em 1907, no 1º andar do número 33 da Rua do Poço do Borratém, o Grupo de Propaganda e Defesa dos Interesses dos Empregados dos Hotéis, Restaurantes e Cafés, cujo primeiro objectivo foi conseguir ter direito ao descanso semanal. Este grupo dará origem à Associação de Classe dos Empregados dos Hotéis e Restaurantes de Lisboa, onde pontificam profissionais galegos, como aliás já eram maioritariamente galegos os que em 22 de Maio de 1904 tinham constituído a Associação dos Criados de Mesa, Soc. Cooperativa, Lda. Na Rua de S. Boaventura.

LOS GALLEGOS EN LISBOA

“Juventud de Galicia”

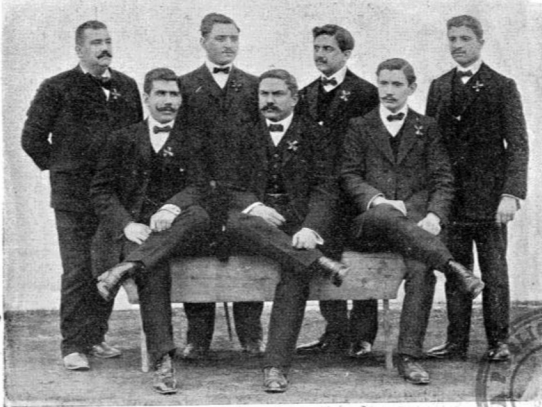
Honra hoy estas columnas — y decimos que las honra y llamamos la atención sobre ello — una fotografía por todo extremo interesante. Representa á la entusiasta agrupación que con el título *Juventud de Galicia* se constituyó en Lisboa en Diciembre último.

Aquellos paisanos nuestros han levantado una bandera de cultura. Van á consagrarse á las tareas artísticas. Van á hacer música gallega, á recordar á la patria entonando sus canciones amadas, las que nos siguen fuera de la tierra como himnos de amor á lo que jamás podemos olvidar, á la distante pequeña patria, la locura de todos los que sobre estos floridos campos hemos nacido.

Juventud de Galicia tiene su programa. No puede ser más sugerente. En él se expresa, antes que otra cosa, el recuerdo constante á la patria gallega. Y después la veneración á la patria española, cuyos grandes hechos, cuyas fechas gloriosas, serán festejadas, como si Galicia y España se prolongasen hasta la bella ciudad lusitana donde tantos gallegos comen juntos el pan de la emigración.

Juventud de Galicia se propone seguir huellas gloriosas en estos anales de la asociación de compatriotas nuestros. Quiere marchar por el mismo camino de esclarecimiento y de honra para la patria seguido por el Centro gallego de la Habana.

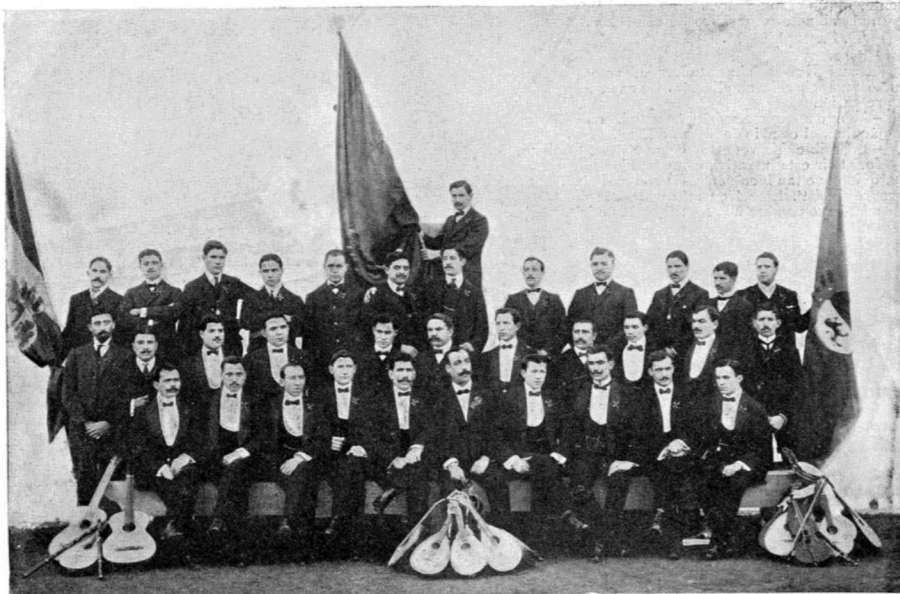
Tiene la naciente sociedad gallega una rondalla dirigida por un músico competente y entusiasta, el Sr. Motta, que ha compuesto un himno de sabor regional que es la delicia de cuantos lo oyen.



Junta Directiva de «JUVENTUD DE GALICIA»
De izquierda á derecha (sentados) Vicepresidente: D. José Lorenzo Cuevas; Presidente: D. Manuel Álvarez Cobas; 1.º Secretario: D. Ramiro Vidal Carrera.
De derecha á izquierda (de pie) 2.º Secretario: D. Ramiro Martín y Martín; Tesorero, D. Emilio Mobbilla Rodríguez; Contador: D. Marcelino Outerelo Rocha; y D. Francisco Sánchez, corresponsal de «VIDA GALLEGA» y «Noticiero de Vigo».

VIDA GALLEGA envía un fraternal saludo á la entusiasta y joven agrupación de paisanos nuestros y le desea bríos y tenacidad para conseguir la unión de todos los hermanos en la gran familia regional á fin de que nuestra colonia de Lisboa llegue á tener, por la organización, que hace la fuerza, la importancia á que es acreedora y que, si ha de ser respetada siempre, necesita.

La información gráfica que publicamos fué hecha por nuestro diligente redactor artístico en Lisboa D. Venancio Peciña que comparte con el Sr. Sánchez las tareas de información de VIDA GALLEGA.



LA RONDALLA DE «JUVENTUD DE GALICIA»
De izquierda á derecha (en primer término): Sres. Domingo Ribas, Indalecio García Eiró, Benigno Fernández Pérez, Ramón Carrera Carballo, José Lorenzo Cuevas, Profesor Sr. Motta, José Bermúdez Ramírez, Albino Lorenzo Cuevas, Evaristo Besada Santos y Domingo Fernández Pereira.
En segundo término: Manuel Martínez Mourillo, Isidoro Gil, Camilo Fernández, Eduardo Cuevas, José Fernández Villar, Manuel Álvarez Cobas, Ceferino Francisco Domínguez, José María Fuga, Francisco Lago, Manuel Garrido Garrido y Laureano Prieto Domínguez.
En tercer término: Apolinar Rodríguez, Ramiro Martín Martín, Franc.º Vidal Carrera, Perfecto Lorenzo Carrera, José Franc.º Estévez, Emilio Mobbilla Rodríguez, José Martínez Castiello, Franc.º Santoro Garrido, Marcelino Outerelo Rocha, Miguel Prieto, Herminio Areal, José Rodríguez, abanderado, Ramiro Vidal Carrera (Pepe de Eiról)

Ilustração 2. Crónica sobre Juventud de Galicia em *Vida Gallega* (ca. 1909)

Fonte: arquivo de Miguel Regojo

Um ano mais tarde, defendia assim Vidal Carrera, nas páginas de *El Tea*, a independência de Juventud de Galicia frente a tomadas de posição cujo fim passava pela criação de uma única associação para todos os migrantes originários do Reino da Espanha (“De Lisboa. La Colonia Gallega”, *El Tea*, 13/03/1909, p. 2).

Nadie desconoce el elevado número de galicianos que hay en esta capital lusitania, verdaderamente hospitalaria; y nadie desconoce tampoco que en lo que se refiere á amor á la cultura y altruismo social ha dado la Colonia, desgraciadamente, muestras de poca fé y de carecer de aquella firme y decidida voluntad que se precisan para las grandes empresas.

No es mi torpe pluma la llamada á estudiar la psicología de estos -como yo- llamados en nuestro *agarimo* terruño ‘Lisboanos’; pero á pesar de ello me limitaré á decir lo que á mi alcance está.

Las colonias compuestas de los hijos de las cuatro provincias gallegas en todas partes del mundo se distinguen, por muy reducido que sea el número de individuos que las constituyan. Cuentan con sociedades de toda especie, famosas algunas por su gran florecimiento, en las cuales el continuo trato hace efectivas la solidaridad y confraternidad que se precisan para poder luchar con bríos y hacerse respetar de los súbditos de los países que habitan. Es esto demasiado conocido pero lo cito por si puede servir de estímulo á la Colonia aquí residente. Nuestro destino nos aleja de la madre patria y por exigencias de la lucha por la vida pasamos lejos de ella lo mejor de nuestra existencia; consagrémosla á laborar por el bien de todos, alejando toda clase de egoismos y poniendo elevación de miras en las nobles empresas á que debemos dedicar nuestra actividad si queremos ser dignos émulos de nuestros hermanos que tambien luchan por el progreso en otras tierras. Si esto hiciéramos conseguiríamos, en primer término alejar á muchos de nuestros compatriotas de diversiones y actos que en verdad afean su conducta.

Con grandiosidad y opulencia se fundó aquí hace años la sociedad Centro Gallego que tuvo vida efímera. Yo no he de mencionar las causas de su disolución porque no quiero molestar á nadie con mis apreciaciones, pero sí he de manifestar que, á mi juicio, debemos los galicianos ir solos á todo género de empresas, porque sino nada conseguiremos; las entidades mixtas fueron siempre á la ruina por no ser posible aquella confraternidad á que antes me refería¹⁰.

¹⁰ Na mesma intervenção, afirmava: Un grupo de entusiastas, de gran voluntad, constituyeron, hace pocos meses, una Comisión para poner en práctica los ideales de que se hallaban poseidos. Esta Comisión, de la que yo era un modesto miembro, tuvo siempre por orientación la forma que hizo grandiosa á la importante y rica ‘Asociación Galaica’ de socorros mútuos. Esta es genuinamente regional y nosotros para imitarla en su colosal progreso y creciente prosperidad, fundamos otra que tiende á ser el futuro ‘Centro Gallego’ pero esto no solamente en el nombre sino en la calidad ó significación de sus socios. Por satisfechos podemos darnos. La modestia con que dimos comienzo á la hoy próspera ‘Juventud de Galicia’ ha merecido el aplauso de los hombres más potentados de la colonia que no tuvieron inconveniente en cooperar á los fines perseguidos por los modestos organizadores, seguros de que cuanto se conseguiera redundaría en provecho y honra de todos. Ahora emprendemos por fin la ruta é iremos hacia un medio social más favorable y más propio de nuestros tiempos [...] Nuestros hermanos residentes en América nos dan múltiples ejemplos de los que valen, gracias á la unión y sinceridad que con loables fines practican.

A partir de meados da segunda década do século XX, altura em que ganham força e visibilidade as posições do galeguismo metropolitano, Vidal Carrera protagoniza várias iniciativas filiadas ao programa ideológico daqueles. Entre outras, destaca-se o seu envolvimento, em 1919, na “Comissão de Propaganda de Autonomia Regional da Galiza”, criada no seio de Juventud de Galicia. A citada Comissão organiza durante esse ano três conferências, entre as quais, “Alma Gallega”, de Ramiro Vidal Carrera¹¹, da qual transcrevemos o seguinte texto:

Debemos todos os que nacemos en Galicia, ou mesmo, non nacendo, levando sempre gallega n’as nosas venas [sic], ter orgullo en manifestarnos, y-en ben admitirmos, o nome propio de gallegos. Nunca por nunca debemos sentirnos menos apreciados, cando se nos chama por ese nome – cheio d’encantos pra mim – anque moitas veces o fagan con fins ofensivos.

Pol-o regular, quen pretenda ofendernos chamando-nos gallegos, desconoce o que somos, o que valemos y-o qu’ele propio representa ou vale [...] Non facerlles caso e o noso deber; pois nin razóns atenderían pra explicarlles que non temos menos precio en ser fillos d’a terra que foi berce d’as suas grandezas [...] As nobres xeneracións de España, y-as nobres linaxes portuguesas, tiveron moitos dos seus principios n’a raza gallega.

No elucidativo trecho, está patente a vontade explícita de reivindicar a galegidade frente a discursos hostis ou até aviltantes. Poucos anos depois, publica um poema em *El Tea* (23/05/1922), “Galicia y Lusitania”, onde desenvolve um repertório literário caro aos galeguistas:

N’as altas horas serenas
D’o lindo ceo de Galicia,
Cando xentís as estrelas
Se remudan con pericia;

Percorrendo o firmamento,
Relixiosas, sereniñas,
As almas puras escraman:
¡Que Dios vos guíe, estreliñas!

A ternura d’estas almas,

Imitémosles nosotros, puesto que aún es tiempo de corregir yerros y rutinas perjudiciales, y confiemos en el porvenir que para la colonia gallega de esta hospitalaria capital será indudablemente risueño.

¹¹ No espólio custodiado por Miguel Regojo tivemos ocasião de consultar o manuscrito da conferência; com o manuscrito, consta um recorte de imprensa (“Alma Galega. Conferência do sr. Ramiro Carrera”, *Diário A Vitória*, 15/05/1919) que, pelo seu conteúdo, evidencia claramente, tratar-se do texto efetivamente lido na altura.

Almiñas d'a miña terra,
Xuntous á d'os emigrados
Que o bo Portugal alberga;

Y-así repiten en coro
Pensando en Gago e Cabral:
- ¡Dios vos guie aviadores!
¡Gloria, Gloria, Portugal!...

Mentras tanto os pensamentos
Cruzan os ceos a chorar...
¡Por Galicia non ser libre!,
¡Por Galicia non voar!...

A pesquisa realizada aponta para uma maior visibilidade do ideário galeguista no meio galego de Lisboa desde 1916-17 até a instauração da Ditadura de Primo de Rivera (1923-1930) no Reino de Espanha. Entre 1923 e 1924, destacados membros da colónia galega de Lisboa – outrora nas fileiras da oposição republicano-agrarista e/ou filogaleguista – vão participar ativamente no processo de substituição das antigas elites locais promovido pelo novo regime (debilitando, conseqüentemente, as possibilidades de proliferação dos galeguistas no enclave lisboeta). Um exemplo paradigmático é o da publicação periódica *Hispania* (dirigida pelo galego residente em Lisboa, Alejo Carrera Muñoz) que, atento ao novo quadro relacional peninsular, parece tentar intervir enquanto mediador nas relações entre os dois estados ibéricos¹².

Vidal Carrera, por seu turno, vai notabilizar-se ao ser nomeado *alcade* (prefeito) do município de Mondariz desde 1925 até 1930 (segundo se desprende de *Hispania* [8/03/1924, p. 1], após o golpe militar, R. Vidal Carrera parece ter passado a residir legalmente na metrópole para poder optar à presidência da Prefeitura de Mondariz). Cabe apontar que a Ditadura de 1923-1930 vai desativar grande parte das reivindicações dos agraristas através do Decreto redencionista de Primo de Rivera de 1926 (VILLARES, 2003), já que os camponeses conseguem a propriedade das terras, reivindicação fundamental do movimento. Neste quadro, Vidal Carrera afirma-se como

¹² A linha editorial de *Hispania*, perante a melhora importante das relações entre os dois estados (acentuada a partir de 1926 e com fim aproximadamente em 1930), apropria-se de ideias que pululam nesta altura entre grupos conservadores dos dois estados, como por exemplo as que transparecem a seguinte citação: Nacemos para afirmar la superioridad de la Raza Ibera, hoy Ibero-Americana, heredera de una civilización latina, colonizadora de un Mundo Nuevo; nacemos para evitar el lamentable contraste de que pueblos de las dos naciones que tamaña empresa realizaron, ignoren mutuamente lo que hay mas acá y mas allá de su común frontera; a pesar de surcarlas los mismo ríos y recorrerlas los mismos macizos montañosos” (*Hispania*, nº 1, 2/02/1924).

prefeito do Município de Mondariz e recebe, por exemplo, em 1928, ao próprio General Primo de Rivera como testemunha a ilustração 3¹³.



Ilustração 3. Em primeiro plano, o General Primo de Rivera e (com o chapéu na mão) Ramiro Vidal Carrera (1928)

Fonte: arquivo de Miguel Regojo

A presença do General Primo de Rivera em Mondariz deve necessariamente de se relacionar ao Gran Hotel de Mondariz, estabelecimento termal que, gerido pela família Peinador, foi um centro turístico-cultural formidável no sul da Galiza, frequentado por elites económicas e culturais de diferentes cantos da Península Ibérica (e doutras latitudes); foi também um foi um palco privilegiado para a socialização dos emigrantes galegos (abastados) em Lisboa, entre os que podemos incluir Vidal Carrera.

Quase no fim do seu mandato como prefeito, Ramiro Vidal foi, segundo José Márquez Paramés “calificado de alcalde-modelo de la época, y el Gobierno de la

¹³ O jornal *El Pueblo Gallego* (30/04/1924; sublinhados nossos) dava assim notícia da perspectiva da situação política de Vidal Carrera:

El doctor Alfredo Guisado hizo una rápida visita a su viejo amigo Ramiro Vidal Carrera, quien pretendió obsequiarle, y a sus acompañantes, lo que no fué posible por la mucha prisa que dichos señores tenían para pasar la frontera, puesto que eran las cuatro de la tarde y aún pensaban ir a dormir a Oporto. Preguntaron al señor Carrera cómo se encontraba la nación en estado de dictadura. Este contestó a sus ilustres visitantes que jamás en España se hizo tanto alarde de justicia ni se respiró tanta libertad.

Nación por su buena gestión al frente del Municipio, le concedió la Orden del Mérito Civil” (Márquez 2002, p. 214; *vid.* Ilustração 4).

Como se pode apreciar, os outrora emigrantes escassamente qualificados, vão progressivamente ampliando os seus horizontes e ocupando novas posições sociais, tanto em Lisboa como na terra das origens.



Ilustração 4. Diploma concedido pelo rei da Espanha a Ramiro Vidal Carrera
Fonte: arquivo de Miguel Regojo

A modo de considerações finais, a trajetória de Ramiro Vidal Carrera espelha a existência, durante as primeiras décadas do século XX, de diversas redes de natureza também diversa. Transparece, em primeiro lugar, a funcionalidade de redes de natureza laboral que permitia aos migrantes encontrarem trabalho na Lisboa da altura. Evidencia mais expressivamente, no entanto, o processo em curso de forte heterogeneização (de capitais mas também ideológico) dos membros da colônia galega, assim como as intensas relações que esta mantém com a metrópole (de signo agrarista e galeguista,

especialmente). O percurso de Vidal Carrera mostra como agentes e grupos da comunidade galega de Lisboa longe de se distanciar de uma identidade socialmente pouco rentável, optam pela *integração* de forma a interagir no espaço social lisboeta sem renunciar à cultura e identidade das origens.

As diferentes tomadas de posição sociais, culturais e políticas de Vidal Carrera mostram igualmente como o fenómeno migratório, apesar dos discursos negativos a ele associados, pode funcionar, na altura, como uma fonte de capitais de diversa espécie (“elevador social”) para alguns agentes no espaço das origens (e do destino). É nesta direção que se entende o facto de Ramiro Vidal ser aliciado para ocupar a prefeitura metropolitana de Mondariz. Por outro lado, este percurso indicia também o prestígio que alguns dos agentes da emigração lisboeta acumulam nas terras de origem o que promove um inequívoco interesse de diversas organizações metropolitanas (políticas, sindicais ou até jornalísticas) por estabelecer redes no âmbito da comunidade galega da capital portuguesa.

Referências

ALVES, Jorge Fernandes. Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas. EIRAS, Antonio; GONZÁLEZ L., Domingo (coords.): *Movilidad e migracións internas na Europa Latina*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (Catedra Unesco), 2002.

ANDRADE, Anselmo de. *Viagem na Hespanha*. Lisboa: Manuel Gomes Editor 1903 [1885].

CABO Villaverde, Miguel. *O Agrarismo*. Vigo: Edicións A Nosa Terra, 1998.

CASTRO GIL, Gabino. A grande diáspora galega em Portugal. In: *Olisipo. Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, 2ª série, 11, 1999, pp. 57-58.

CORBACHO Quintela, Antón. *A aculturação e os galegos do Brasil: o vazio galeguista*. Dissertação (Doutoramento em Filologia). 938 pp. Santiago de Compostela. USC, 2009.

DANTAS, Luís. *Retratos gallegos* [edição de autor], 2010.

FERNÁNDEZ CORTIZO, C. Emigración gallega y relaciones económicas entre Galicia y Portugal (1500-1850). FERNÁNDEZ CORTIZO, Camilo; GONZÁLEZ L., Domingo; SOBRADO, Hortensio (eds.). *Gañar a vida cruzando a Raia. Emigración gallega a Portugal (siglos XVI-XIX)*. Santiago de Compostela: Alvarellos Editora, 2020.

FERNÁNDEZ CORTIZO, C. La emigración gallega a la provincia portuguesa de Trás-os-Montes y Alto Douro (1700-1850): evolución temporal, tipología y localidades de partida y de destino. In: *Douro. Estudos & Documentos*, n. 22, 2007, pp. 79-112.

FERNÁNDEZ, Eliseo. Proletarios galegos en Lisboa: a batalla de Monsanto. In: *Luzes*, n. 59, 2018, pp. 48-51.

HERNÁNDEZ Sanz, Pilar. A emigração galega para Portugal. In: *Galicia ó lonxe*, n. 4, 1995, pp. 14-15.

HERVÉS Sayar, Henrique. Unicato bugallalista, Ponteareas, 1891-1923. Elementos para unha análise do caciquismo e do clientelismo político na Galicia da Restauración. FERNÁNDEZ, Lourenzo; et al. (coords.) *Poder local, elites e cambio social na Galicia non urbana (1874-1936)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1997.

GARCÍA Fernández, Xosé Lois. Patrimonio e cultura da emigración galega en Portugal. RODRÍGUEZ, María X.; VÁZQUEZ-MONXARDÍN, Afonso (coords.). *Actas do I Encontro sobre o Patrimonio Cultural Galego na Emigración*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 1996.

GONZÁLEZ Lopo, Domingo L. Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: Características y puntos de destino. CAGIAO, Pilar (ed.). *Semata, Ciencias Sociais e Humanidades*, vol. II, 1999.

_____ ‘Se se mandassem embora não haveria quem servisse...’ Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial. LOIS, Rubén; VERDUGO, Rosa (eds.). *As migracións em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*. Corunha: Ed. Candeia, 2006.

_____ Los lisboanos gallegos y la I República Portuguesa: evolución económica, social e ideológica de un colectivo inmigrante en Portugal. *Seminário A Emigração na Primeira República*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe, 2013.

LÓPEZ Rodríguez, Juan Gil. ‘A gaita ao lonxe’. Notas sobre a construción da galegitude en Lisboa. ROMANÍ, Rodrigo (coord.). *Encontros O Son da Memoria. A música galega na emigración. IV Encontro O son da memoria, 17 e 18 de febreiro de 2005*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega/Arquivo Sonoro de Galicia, 2005.

MÁRQUEZ Paramés, José. *Sobroso. Baluarte histórico de Galicia*. Vigo: Fama, 2002.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de. Pedra a pedra: pedreiros galegos na arquitectura minhota do século XVIII. *Revista Cultural BRACARA AUGUSTA*. Braga: Câmara Municipal de Braga, 2015.

PAZOS Justo, Carlos. A imaxe da Galiza e dos galegos em Portugal entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX: do imagotipo negativo ao imagotipo de afinidade. In: *Veredas*, n. 16, 2011, pp. 39-69.

_____ *Relações culturais intersistémicas no espaço ibérico. O caso da trajetória de Alfredo Guisado (1910-1930)*. Vilanova de Famalicão: CEHUM/Consello da Cultura Galega, 2015.

_____ *A imagem da Galiza em Portugal. De João de Redondella a Os Galegos são nossos irmãos*. Santiago de Compostela: Através Editora, 2016.

_____ Os lisboanos e o galeguismo nas primeiras décadas do século XX. VILLARES, Ramón; NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M.; MÁIZ, Ramón (eds.). *As Irmandades da Fala no seu tempo: perspectivas cruzadas*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2021.

PENA Rodríguez, Alberto. *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*. Vigo: Universidade de Vigo, 1999.

SAMARTIM, Roberto López-Iglésias. Ideia de língua e vento português na Galiza do tardofranquismo: O caso de Galaxia. In: *Agália*, n. 83/84, 2005, pp. 9-50.

VAZ, Rodrigues (coord.). *Os Galegos nas Letras Portuguesas*. Lisboa: Pangeia Editores, 2008) [“Edição comemorativa do I Centenário da Xuventude de Galicia”].

VILLARES, Ramón. *Historia de Galicia*, 2ª ed. Vigo: Galaxia, 2004.